

Revistas científicas brasileiras ainda têm baixo impacto internacional

O número de revistas científicas brasileiras presentes em índices internacionais, como o *Journal Citation Report*, vem aumentando nos últimos anos. Entretanto, o fator de impacto - o número médio de citações dos artigos científicos publicados em um periódico - ainda é baixo e não atingiu a média mundial.

A constatação foi feita por participantes do 3º Seminário de Avaliação do Desempenho dos Periódicos Brasileiros no JCR 2011, realizado no dia 27 de setembro no Auditório da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp).

Promovido pelo programa *Scientific Electronic Library Online* ([SciELO Brasil](#)) - resultado de um projeto financiado pela Fapesp-, o objetivo do evento foi debater avanços e desafios para o desenvolvimento da qualidade dos periódicos brasileiros e para o aumento do impacto internacional, com base no [Journal Citation Reports](#) (JCR).

Publicada em julho, a última edição do JCR, atualizada com dados de 2011, mostra avanços significativos, mas revela também a persistência de condições e barreiras que dificultam o aumento do impacto dos periódicos nacionais.

Entre os avanços destaca-se a presença de dois periódicos nacionais, *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz* e *Clinics*, com fator de impacto (FI) maior que 2.

Houve também um aumento de 11 para 16 do número de periódicos com FI maior que 1. Entretanto, o conjunto dos 111 títulos indexados no JCR apresenta desempenho relativamente baixo, pois a grande maioria permanece com FI abaixo da mediana em suas áreas temáticas.

“O número de periódicos brasileiros no JCR aumentou 240% no período de 2007 para 2010, saltando de 27 para 111”, disse Abel Packer, membro da coordenação do programa SciELO. “Mas a média da quantidade de citações em 2011 em comparação com 2010 caiu 21%, de 0,520 para 0,509, o que representa uma queda alta e tem diversas razões, como o fato de se tratar de uma coleção de periódicos jovem internacionalmente e publicada predominantemente em português.”

De acordo com especialistas presentes no evento, um dos fatores que também contribuem para a baixa citação internacional dos artigos científicos brasileiros é a pouca participação de cientistas de outros países nesses trabalhos.

Publicados em grande parte em revistas nacionais, 85% dos artigos científicos brasileiros têm também afiliação local - são publicados por pesquisadores do próprio país, sem a participação ou colaboração com cientistas estrangeiros.

“Vemos que o Brasil é o mais nacional entre todos os países em termos de afiliação de artigos. Isso representa um patrimônio nacional que, naturalmente, tem suas consequências”, avaliou Packer.

Segundo Packer, o nível de colaboração internacional nos artigos publicados em periódicos científicos nacionais é mais ou menos igual e varia entre 6% e 8%. Mas em todos eles a presença de autores estrangeiros como único autor do artigo ou em cooperação aumenta o número de citações.

Uma análise comparativa sobre a rota de publicação de artigos científicos de 12 países, sendo seis desenvolvidos (Inglaterra, França, Canadá, Holanda, Suíça e Espanha) e seis emergentes (Brasil, Rússia, Índia, China, África do Sul e Coreia do Sul), demonstrou que os artigos em colaboração internacional recebem, em média, mais citações do que os endógenos (do próprio país).

O levantamento foi realizado por Rogerio Meneghini, coordenador científico do SciELO, com base em publicações dos países no *Web of Science* em 2010 e citações correspondentes até setembro de 2012. O estudo também apontou que o aumento de citações é muito superior para os países em desenvolvimento.

No caso do Brasil, o percentual de aumento da citação de artigos em colaboração chega a atingir 97,8%, que é o segundo maior entre os países emergentes e está atrás apenas da Rússia, que aumenta 125%.

“O processo de colaboração científica seria mais benéfico para países emergentes como Brasil, Rússia, Índia, China, África do Sul e Coreia do Sul. Acredito que exista agora em todos esses países uma busca pelo aumento da colaboração científica internacional”, disse Meneghini.

PERIÓDICOS

Ainda de acordo com os especialistas presentes no evento, países emergentes como o Brasil também têm em seus periódicos nacionais uma forma de fazer com que sua produção científica, que não recebe espaço nos periódicos internacionais, seja escoada.

Em função disso, é preciso melhorar os periódicos nacionais para melhorar o conjunto da produção científica brasileira. “O Brasil publica 29% de toda a sua produção científica indexada em periódicos nacionais contra 12% da França, por exemplo. A presença dos periódicos nacionais é muito maior e requer, portanto, políticas e ações para que o seu impacto seja mais positivo”, disse Packer.

De modo a continuar apoiando o desenvolvimento de revistas científicas brasileiras, de acordo com Carlos Henrique de Brito Cruz, diretor científico da Fapesp, o financiamento do Programa SciELO vem sendo renovado, com pareceres positivos sobre os resultados.

“O SciELO é um projeto muito importante para a Fapesp. Em 1997, quando o programa foi criado, não se comentava sobre acesso aberto, não existia esta expressão. Hoje, o mundo inteiro fala em publicação em acesso aberto”, disse. Atualmente, o SciELO possui 254 títulos e registra uma média de 1,06 milhão de *downloads* por dia, sendo 63% em PDF e 37% em HTML.

No fim de julho, a Fapesp e a Divisão de Propriedade Intelectual e Ciência da Thomson Reuters firmaram um acordo para integrar a base do SciELO à Web of Knowledge, a mais abrangente base internacional de informações científicas. “Isso deverá ajudar as revistas científicas que estão no SciELO

a terem mais visibilidade”, disse Brito Cruz.

Fonte: Agência Fapesp, por Elton Alisson